

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO – A RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA DA FUNDAMENTAÇÃO ESTATAL

*Martim Almeida Sampaio**
*Jonathan Hernandes Marcantonio***

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar em importantes momentos históricos da civilização ocidental uma carga de uma crença cega nos padrões dogmáticos de justificação ideológica, tentando mostrar, de forma breve, que a essência da religiosidade está intrinsecamente ligada às formas de justificação e à divinização dos padrões ideológicos adotados.

Palavras-chave: civilização ocidental; história; catolicismo; ideologia; alienação.

* Professor dos Cursos do Cogear de Especialização da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor do curso de graduação em Direito da Faculdade Anhembi Morumbi e das Faculdades Metropolitanas Unidas. Mestrando em Direito internacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Advogado militante em São Paulo.

** Professor das Disciplinas de Hermenêutica Jurídica, Direitos Humanos e História do Direito da Faculdade de Direito da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Introdução ao Estudo de Direito da Faculdade de Direito Fapan. Professor e Coordenador do Curso de Especialização em Direitos Humanos da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, Mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ABSTRACT

This present paper aims to identify, in important Western Civilization's historical moments, a charge of a blind belief in their ideological dogmatic justification frameworks, trying to show, in a short way, that the essence of the religiously is something directly links of the ways of justification and to the divinity of the ideological methods adopted.

Key-words: western civilization; history; catholicism; ideology; unconsciousness.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história registram-se diversos momentos em que seres humanos, de forma isolada ou em grupos, consideraram-se imbuídos de uma missão salvacionista da espécie. Portadores de verdades únicas não reveladas, os iniciados elaboram um sistema de idéias, concatenado e ao mesmo tempo possuidor de uma lógica intrínseca, que unifica e constrói uma identidade entre os seus membros. De se salientar que no processo histórico não existe início absoluto. Apenas e tão somente, e por comodidade didática, é que o teórico fixa um ponto no calendário, sem que com isso venha a significar o começo de algo. Um futuro novo ou o fim absoluto de um passado.

O novo, a idéia que se sobrepõe a todas as outras, sempre se apresenta como superação da anterior. É a construção de um ideário que nega o antigo. A missão inicial é a elaboração de um pensamento que se aperfeiçoa ao longo do tempo, cuja conclusão é a salvação, apoiando-se no devir. Revelam as boas novas e a redenção aos iniciados, construindo uma identidade de valores e comportamentos. Norberto Bobbio concorda com nossa assertiva ao escrever:

Toda ação política, como de resto de qualquer outra ação social (...) tem necessidade, de um lado, de idéias gerais sobre os objetivos a perseguir (que podem ser os objetivos últimos, mas

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

que geralmente são os objetivos intermediários), a que chamei acima de “princípios” e que poderiam ser chamados de “valores”, “ideais”, ou mesmo concepções de mundo”(...)¹

Em um ponto especificamente voltado para a tradição religiosa do ocidente, a missão inicial, muitas das vezes, é tão somente imbricar o elemento humano com o divino, construindo um umbral entre o espiritual e o secular. Em alguns casos, notadamente ideológicos, a ligação se perfaz com a corrente da história. Com o amalgamento da idéia, passa-se da salvação interna para o proselitismo. A missão já não é tão somente a redenção. Agora, há mais do que isso: a mágica se transforma em missão, e o dever de resgatar a espécie do *Armagedon* que se impõe. A nova ordem se prenuncia.

É a religiosidade no sentido mais amplo do termo.

A verdade revelada terá conteúdo messiânico. Apresentar-se-á como teologia ou ideologia. Contudo, em ambos os casos os elementos confessionais ou políticos far-se-ão presentes, permeando a construção deste ideário.

O *ethos* deste grupo social deriva de sua vivência, criando um código de conduta e sinais de identificação, e que, no dia a dia, incorpora elementos e de outros agrupamentos por mimetismo, absorvendo e buscando superar dialeticamente o passado.

A construção do ideário busca sintetizar os sentimentos e instintos básicos. A primeiro, as boas novas reveladas têm por missão a construção do pensamento único, alto imposta e que irá superar tudo o quanto anteriormente foi formulado no imaginário popular. É detentor das verdades únicas, descortinado à pequena parcela de iniciados a revelação. Contém, portanto, em sua gênese a missão salvacionista.

1. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder – dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Unesp. São Paulo, 1996. p. 73.

Fundamental aqui, é o papel do intelectual, ou pensador, onde, ainda para Bobbio:

Os ideólogos são aqueles que elaboram os princípios com base nos quais uma ação é justificada e, portanto, aceita – em sentido forte, a ação é legitimada².

Todavia, e muitas vezes, por detrás dessa verdade absoluta encontram-se intenções escusas. Assim, a estrutura de identificação por ser direcionada, acaba escondendo interesses de dominação que, por motivos instrumentais, sua divulgação não se faz desejada. A desconstrução da verdade alcança foro de beligerância, e os cruzados partem para a guerra, destruindo o que ameaça a ordem: a beligerância dos iguais.

Em dado momento, e por via de conseqüência, surge o Direito para configurar e formalizar uma situação real e pré-existente. O Direito vem a instrumentalizar uma ordem, configurando um novo estamento político e jurídico. A anunciação toma contornos legais e se constitui num comando a ser obedecido e a ser seguido. A magia deixa de ser algo criativo e livre, sendo elevada à categoria de oficialismo. Assim o foi no Cristianismo que se impôs em religião oficial, constituindo, primeiro sob a forma de economia; após, em Direito vindo a formar um Estado confessional. Assim o é para as ideologias que prenuncia a libertação.

Dos primeiros cristãos, que se atiravam aos leões em Roma, até a formação dos Estados Papais, as Cruzadas e a Inquisição, as boas novas libertadoras se constituem, inicialmente, em economia, para então se transmudar para o plano religioso e, assim, construir uma ordem jurídica se transformando em um poder repressor que levou à fogueira a dissensão, a apostasia e a heresia.

2. *Ibidem.*

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

De outro modo, porém sobre o mesmo vetor, temos que as boas novas trazidas pela revolução Russa de 1917, travestida de ideologia libertadora, mudou a economia, incensou o Partido Comunista da Rússia à categoria de Instituição religiosa, sacralizou seus dirigentes à condição de novas deidades, formulou ritos de iniciação, substituindo a antiga ordem religiosa por uma nova mística, esta alegadamente ateuista, contudo, impregnada de uma religiosidade profunda.

Por fim, o novo Estado Operário expressou uma nova ordem jurídica, criando um sistema de Poder, apoiado em uma imensa burocracia – o *aparathik* – e reprimiu a sua oposição e memória auto referida, rivalizando com o Nazi-facismo em barbárie; Criou os sistemas prisionais do Gulag, levando às masmorras milhões de cidadãos soviéticos, que creram na nova ordem bolchevique. Inclusive, os antigos camaradas de armas que poderiam rivalizar na tirania stalinista – vide Leon Trotsky, Bukarin e tantos outros. Mas o exemplo, insinua-se, fez história na liturgia lenilista. Em todos os regimes implantados, igual destino observou os camaradas. Vide Camilo Cienfuegos³ na Cuba de 1959.

O programa científico redigido por Karl Marx em 1822 – o Manifesto Comunista dirigido à nascente classe operária – como reação ao liberalismo econômico do século XIX, e a falta de qualquer garantia aos direitos dos trabalhadores, levou à formação de um amplo movimento operário, cuja consigna maior era a libertação da humanidade. A conformação das organizações operárias do século XIX resulta na tomada do poder na Rússia Czarista pelo partido Bolchevique, que logo após o grande outubro se transforma em um aparato repressor, proclamando desde o início o Terrorismo de Estado e o Comunismo de Guerra, como se fora o prenúncio de toda

3. Interessante e recomendável, sobre a participação fundamental de Camilo Cienfuegos na Revolução Cubana de 1959, a leitura de ANDERSON, John Lee. *Che Guevara – uma Biografia*. Objetiva. São Paulo. 1997.

uma era de assassínios da população, levando aos cárceres milhões de cidadãos soviéticos. É a expressão da burocratização dos sonhos, e sua confirmação por um amplo aparato repressivo.

A NOVA ORDEM CATÓLICA

O poder das idéias de um homem crucificado ressoa até os dias presentes. Esta idéia foi tão poderosa, que desde a antigüidade seu legado ético ecoa, levando homens (no sentido genérico do termo) a se enfrentarem numa disputa interminável, pontuando ao longo da história em um conjunto de enfrentamentos que traz por detrás de si a questão da crença.

O exame atento e sem preconceito da história, demonstra que por detrás de diversos conflitos bélicos, há a motivação religiosa. E por detrás desta, existem interesses, digamos, pouco místicos. Ou por outra, terrenos. As hordas guerreiras conclamadas ao combate são motivadas por religiões que as impulsionam. Não obstante, as verdadeiras razões surgem num esforço analítico e de desconstrução da realidade. No 11 de setembro, data que simboliza a estréia do Terrorismo Global, o presidente norte-americano, profundamente influenciado pelo fundamentalismo religioso, proclama uma nova cruzada contra os infiéis. Redimindo-se do autêntico lapso lingüístico, para não se o dizer freudiano, que prenunciava suas idéias de converter o mundo às margens de seu ideal religioso, proclama a guerra contra o Terror Global, iniciando a era do unilateralismo. O terror ataca por motivos religiosos. A resposta é em uma intensidade maior, tendo por fundamento motivações religiosas.

Os primeiros cristãos ofertavam-se ao sacrifício supremo em nome de um ideal e de uma nova ordem. Isso ia construindo um movimento poderoso que polarizava as amplas massas na antigüidade. E o Império Romano, sabedor do perigo que isso representava, tentava por todos os meios combater a boa nova. Reprimiu violentamente os primeiros

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

cristãos por entender que o sistema de idéias que o cristianismo representava acabaria por levar a derrocada de seu sistema vigente. Essencialmente não era um problema de caráter religioso. Sobretudo, era um problema econômico, político com as conseqüências hoje conhecidas.

Não obstante estes fatos, de que já cuida a historia., temos que no século I começa a surgir o que vem a ser conhecido como a Igreja Católica.

Em consonância com nosso raciocínio, Leonardo Boff faz a seguinte inferência:

O catolicismo não é somente uma grandeza teológica como concretização do Evangelho no tempo. É também uma realidade histórica, política, sociológica e religiosa, passível de ser analisada a partir das diferentes razões formais. Cada interpretação é legítima, porque colhe aspectos verdadeiros, mas também é limitada porque se restringe à sua perspectiva própria⁴.

Para o claro discernimento da idéia do catolicismo, é necessária uma compreensão exata da extensão deste fenômeno religioso. Seria uma questão puramente teológica, na qual se discute a dimensão do divino, ou o tema transcende a religiosidade abarcando a invenção do humano? A nós se afigura que a dimensão a ser tida em conta diz muito menos a respeito da religiosidade, e muito mais à questão do poder e da dominação. É o homem dominando o outro homem.

A Igreja, em sua formação, necessitava de codificar suas idéias, para se apresentar com um corpo próprio numa sociedade desorganizada. Assim, busca na antiga religião judaica a idéia de um Deus único, embora com o passar dos séculos incorpore a visão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, provocando um intenso debate nos meios eclesiásticos. Seria uma única deidade, ou três conforme alguns? Esta e outras

4. BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Record. RJ. 2005. p. 149.

questões ainda estão por serem respondidas. O monoteísmo, ou seja, a crença de um Deus único é incorporado no novo ideário religioso, bem como a base ética do Judaísmo. Daí, porque sempre se refere a cultura *Judaico-cristã*.

Nos dizeres, ainda, de Leonardo Boff, temos:

A igreja primitiva sentia-se herdeira do Povo de Deus do Antigo Testamento, uma comunidade organizada juridicamente. O Direito do Povo de Deus era direito divino; daí se considerar, nas primitivas comunidades cristãs, o direito como divino.⁵

A base ética e jurídica da nova religião deriva do Judaísmo, que constrói todo patamar formal por onde transita a nova ordem institucional. A religião católica se organiza sobre e por meio do judaísmo.

A despeito deste fato, é interessante observar que o próprio judaísmo sofreria longa e continuada discriminação por parte de setores da Igreja Católica, obrigando a conversão e a fogueira – vide inquisição/novos cristãos – o que somente veio a ser formalmente reconhecido no Pontificado de João Paulo II, com seu histórico pedido de desculpas ao povo Judeu. Episódios recentes e ainda não esclarecidos estremecem as relações das confissões, como é o caso da posição da Igreja na Segunda Guerra Mundial⁶, bem como do status atual de Jerusalém⁷.

A base filosófica do catolicismo advém da filosofia heleenística (grega), que contribui para a formação do ideário

5. *Idem.* p. 152.

6. Sobre o tema, uma indicação bibliográfica rica em detalhes e solidamente organizada e desenvolvida está em CORNWELL, John. *O papa de Hitler – A história secreta de Pio XII*. Imago. São Paulo, 2000.

7. Recomendável a leitura de SOARES, Jurandir. *Israel e Palestina – As origens do ódio*. UFRGS. Rio Grande do Sul. 2004; NATHAN, Susan. *The other side of Israel*. Living Language. EUA. 2005.

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

católico e a explicação do mundo, por meio da absorção do dogma, da intelectualização e da racionalidade do catolicismo.

A filosofia grega cede ao antigo catolicismo dois grandes pensadores: Platão e Aristóteles. O primeiro é fundador da Academia de Atenas, que visa a formação dos homens públicos. Seu ideário é construído sobre doutrinas sobre o bem e a formação do homem.

Aristóteles sistematiza o conhecimento filosófico, adentrando ao domínio da metafísica e da ética, buscando abraçar todos os campos do conhecimento humano, limitado ao que verdadeiramente seria o conhecimento então.

O desenvolvimento do catolicismo se assentou na seguinte ordem de pensamento, que representam para os Católicos as principais verdades reveladas:

1. Unidade de natureza e Trindade de Pessoas em Deus: Pai, Filho e Espírito Santo (Concílio de Nicéia em 325 e Constantinopla em 381);
2. Divindade de Jesus Cristo (Concílio de Éfeso de 431 e da Calcedônia em 451);
3. Criacionismo do mundo;
4. Origem do homem a partir de um casal e o pecado original;
5. Redenção da humanidade pela encarnação, paixão e morte de Cristo;
6. Imortalidade da alma e retribuição eterna;
7. *Instituição de uma Igreja única;*
8. Realização da graça (dom sobrenatural conferido por Deus para a santificação);
9. Existência de uma ordem moral objetiva (jus naturalismo).

Da religião que disseminava no continente europeu, a nova ordem Católica se apropria dos deuses pagãos, transmutando a sua natureza e categoria, elevando à condição de semi-deuses da nova religião dominante. É o triunfo de uma nova deidade, retirada da ordem marginal e antagônica, agora elevada à condição de oficialidade.

O catolicismo, em um primeiro momento, surgiu para estabelecer normas com relação ao cristianismo, estabelecendo critérios de uma nova religião, organizando um sistema de compreensão e aceitação de um novo modelo. Este modelo é estabelecido a partir de uma ordem pré-existente e ordenada. Em segundo momento, já constituída como uma ordem vigente, controla e expulsa a dissidência, não considerando mais como cristãos, aqueles que não obedeciam o ideário oficial. Resultando daí a criação de uma estrutura burocrática e militar que combatia a divergência.

Com o correr dos séculos, a religião transcende ao plano espiritual para o secular, acumulando riquezas e poder terreno, estendendo o seu domínio, e criando uma ordem jurídica dominante para justificar e se perpetuar pelos séculos. E parece que foi bem sucedida em seu intento. De um lado ganha foros de divindade com uma ampla base jurídica, que justifica a ordem existente apoiada nas colunas da ética e do direito. E por outro, a longa *manus militaris*.

A resposta do catolicismo à divergência é reforçar sua estrutura normativa burocrática de forma mais ofensiva, estabelecendo um vínculo indissociável entre a obediência destas normas e a fé cristã.

Com isso, é possível a nós afirmarmos que a Igreja e sua evolução são revestidas por um aparato ideológico-político de justificação. Com a plausibilidade e aceitação de tais justificativas pela grande parte da população romana, que aos poucos vão aderindo e convertendo-se em católicos, a Igreja e seu corpo institucional denotam maior força e influência de forma paulatina, sujeitando de forma imediata ou mediata às suas vontades, os padrões de conduta do Governo de Roma, levando até a ser considerada como Religião Oficial, em seu período hegemônico. A partir daí, o relevo de suas “ciências” não mais seria descartado.

O SOCIALISMO CIENTÍFICO

APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Encontramos a origem do sistema capitalista na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Com o *renascimento* urbano e comercial dos séculos XIII e XIV, surgiu na Europa uma nova classe social: a burguesia. Esta nova classe social buscava o lucro por meio de atividades comerciais. Como desdobramento desta atividade e em função dos empecilhos e inúmeras dificuldades mercantis em que se encontravam os burgueses, principalmente pela ausência de uma única estrutura basilar comercial, devido à autonomia normativa de todos os Feudos, surgem os banqueiros e cambistas, cujos ganhos estavam relacionados ao dinheiro em circulação, numa economia que estava em pleno desenvolvimento, embora carente de padrões unitários de moeda, pesos e medidas. Historiadores e economistas identificam nesta burguesia, e também nos cambistas e banqueiros, ideais embrionários do sistema capitalista hodierno: lucro, acúmulo de riquezas, controle dos sistemas de produção e expansão dos negócios.

O sistema capitalista organiza, em um segundo momento, um novo modo de produção. Esse período estende-se do século XVI ao XVIII. Inicia-se com as *Grandes Navegações e Expansões Marítimas Européias*, fase em que a burguesia mercantil começa a buscar riquezas em outras terras fora da Europa. Os comerciantes e a nobreza estavam à procura de ouro, prata, especiarias e matérias-primas não encontradas em solo europeu. Estes comerciantes, financiados por reis e nobres, ao chegarem à América, por exemplo, vão começar um ciclo de exploração, cujo objetivo principal era o enriquecimento e o acúmulo de capital. Neste contexto, podemos identificar as seguintes características capitalistas: a) *busca do lucro*; b) *uso de mão-de-obra assalariada*; c) *moeda substituindo o sistema de trocas*; d) *relações bancárias*; e) *fortalecimento do poder da*

burguesia. Esse período histórico é conhecido como o mercantilismo, onde predomina o sistema de trocas e a monetarização da economia, passando a circular a moeda, tendo como lastro o padrão (unitário por seu turno) ouro.

O antigo regime feudal já não respondia às necessidades econômicas e políticas, verificando-se a formação de um novo modelo político e econômico. Temos a formação do Estado Burguês em Portugal – revolução do Porto –, bem como a revolução Inglesa – John Lackland – cujo grande legado fora a outorga de uma Constituição (*Bill of rights*), datando o início de uma ordem jurídica baseada no direito constitucional. Daí porque, nas regiões européias aonde havia o regime feudal, este é substituído e suplantado por uma nova ordem. Importante salientar o êxodo de populações dos campos para a cidade, iniciando o advento do *Renascimento*. Grosso modo, esse período é marcado pela reinvenção do humano, apontando como centro da existência o indivíduo e não a antiga ordem religiosa. A produção cultural desse período é farta, havendo sido legado para a humanidade obras de artes de inestimável valor artístico e cultural, sendo suficiente apontar tão somente Michelangelo como um de seus expoentes máximos.

No século XVIII, a Europa passa por uma mudança significativa no que se refere ao sistema de produção. A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, fortalece o sistema capitalista e solidifica suas raízes na Europa e em outras regiões do mundo. A Revolução Industrial modificou o sistema de produção, pois colocou a máquina para fazer o trabalho que antes era realizado pelos artesãos. Há uma clara transferência de riqueza e de padrão monetário. A riqueza deixa de ser representada pela posse da terra – como determinava a doutrina dos *Fisiocratas* Turgot e Quesnay – para estabelecer um novo padrão. Com uma diferença de aproximadamente 100 anos, surgem os teóricos do capitalismo. De um lado David Ricardo, sucedido posteriormente por Adam Smith, que formulou as bases teóricas do que viria a ser

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

conhecido como o liberalismo econômico que tem o seu apogeu no século XIX, com a criação do Império Britânico. Essa concepção econômica esparge efeitos na área jurídica, formulando-se o primeiro Código Civil – o Código Civil Napoleônico – que consagra a idéia da autonomia da vontade, protegida pelo princípio da *Pacta Sunt Servanda*.

A ORIGEM

Sob este contexto, a nascente classe operária vivia em condições extremamente penosas, sem as mínimas garantias sociais, e sem a devida proteção ao trabalho, o que leva, conseqüentemente, a um confronto direto sob o escopo de melhorias sócio-econômicas. Registra-se, por volta de 1820, a Comuna de Paris, a primeira experiência de conquista do poder pelas classes pobres na França. Tal evento é determinante e chama a atenção dos pensadores do início do século XIX, dentre os quais destacamos Karl Marx, que em 1848 formula, conjuntamente com Friedrich Engels, o *Manifesto Comunista*, tendo por epílogo a célebre expressão *A classe operária só tem a perder os grilhões de suas correntes*.

Posteriormente, em 1867, e influenciado por Hegel, Marx vem a analisar pormenorizadamente o sistema capitalista, redigindo a célebre obra *O Capital*, no qual detalha o modo de produção capitalista, dando ensejo ao que vulgarmente se denomina marxismo. Sobre ser uma doutrina econômica, o marxismo é uma concepção do homem e do mundo, de caráter profundamente materialista e ateu. Porém, e como adiante discutiremos, o denominado comunismo, ou como queira, marxismo-leninista, é impregnado de uma profunda religiosidade ritualística⁸.

8. Sobre a difusão do Ideário Comunista na Europa, interessante ver a abordagem de HOBBSAWM, Eric. *Tempos Interessantes – Uma vida no século XX*. Trad. S. Duarte. Companhia das Letras. 2002, p. 148-173.

Marx parte do princípio de que o valor dos bens é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessária para produzi-lo, e o valor derivaria do trabalho e não do valor de mercado, cujo valor determinante seria a escassez.

O filósofo alemão cria um programa proclamado científico, que anos após e analisado por um revolucionário de origem russa, Vladimir Ullianov Lênin, que busca unir a teoria científica com a práxis política. Lênin é o fundador do partido comunista soviético, responsável pela Revolução Russa de 1917. Sem pretender analisar a história e a filosofia completa envolta ao tema, gostaríamos de apresentar as considerações abaixo descritas:

- Marx proclama que a revolução seria possível somente nos países altamente industrializados. Esta veio somente a acontecer em países cujas economias tinham baixo índice de industrialização.
- Lênin veio a conhecer a obra de Carl Von Clausewitz, *A guerra*, na qual este autor declara que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Lênin destaca “... e a política é a continuação da guerra por outros meios”. Curioso destacar que Clausewitz era um pensador “burguês”, de tradição aristocrática Prussiana.
- A formulação do partido revolucionário, ou seja um pequeno exército de profissionais, advém da leitura do clássico “Da guerra”. Além disso, as condições que propiciam a denominada revolução de outubro foi um golpe de estado realizado em fevereiro de 1917, tendo por líder Kerensky.
- A revolução de 1917 tinha por consigna a libertação dos povos oprimidos. Em termos de opressão rivaliza com o nazismo. Vide o sistema prisional outrora citado – Gulag.

Já no início da revolução o líder soviético proclama o Comunismo de Estado, forma econômica de apropriação de excedentes produzidos. No campo político é implantado o terrorismo de Estado, onde a oposição era aniquilada fisicamente. Daí, porque acusar somente Stalin das atrocidades cometidas é um disparate. Elas já eram existentes no período

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

anterior a 1924 , no qual Stalin vem a assumir a secretaria geral do Partido Bolchevique⁹.

A este turno indaga-se:

- 1) Teria sido diferente se outro fosse que não Stalin?
- 2) E por que isto veio a ocorrer?

Quanto à primeira questão aponto: fosse quem fosse, os resultados havidos seriam os mesmos, porquanto é da essência deste sistema político a religiosidade no sentido profano da palavra, podendo ser equiparada ao *modus operandi* utilizado pela Igreja Católica, à época das perseguições.

Quanto a isso, explico-me: o estado socialista é dirigido por um partido político único, que é a vanguarda da classe operária. Este é formado por núcleos de base que, hierarquicamente, vão se submetendo a um restrito círculo dirigente. E este, denominado de comitê central, ao secretariado, que é dominado, por seu turno, pela figura do secretário geral. Em um corte transversal, temos a aplicação do centralismo democrático, que é o cumprimento das decisões por todo o coletivo político. Esta obediência não admite divergência. Esta é compreendida como traição aos princípios proletários e punida severamente. A idéia é que o coletivo suplanta o individual. Qualquer prática individual é reconhecida como resquício da ideologia burguesa, e isto é um fato grave em qualquer circunstância, dentro desta estrutura instalada. De se observar, ainda, que nenhuma experiência do mundo socialista resultou em democracia ou liberdade, porque este sistema supõe a adesão incondicional aos seus dogmas e líderes, constituindo uma liturgia religiosa e pagã. E isso não seria uma forma de religião?

9. Sobre mais informações e conhecimentos sobre a estrutura Stalinista de governo, interessante ler VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin – Triunfo e tragédia*. Volume 1. Trad. Joubert de Oliveira Brizida. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2004.

Quanto à segunda pergunta, é consequência da observação procedida anteriormente. O Estado formado é uma imensa máquina burocrática, proprietário em tese de todos os meios de produção. É um fim em si próprio. E esta máquina é impiedosa com a dissidência. A burocracia é auto-referida e defende seus interesses corporativos com uma violência institucionalizada e baseadas em padrões ideológicos pré-determinados, podendo a sua interpretação ser ditada apenas por “intérpretes” autorizados pela Lei e pelo Partido Bolchevique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos dois modelos apresentados acima, conseguimos extrair alguns elementos importantes, com relação à organização e fundamentação estatal:

1) Percebe-se, em qualquer aparato burocrático institucional, um padrão de funcionamento amparado, mais do que unicamente por uma estrutura coativa, onde o Estado detém o monopólio legítimo, em uma estrutura idealizadora justificante, onde a crença numa organização institucionalizada como plenamente eficaz, de uma forma beata, fundamentada, constitui elemento justificante a toda e qualquer atrocidade até mesmo *contra legem*.

2) Qualquer ação amparada em uma crença excessivamente dogmática é resultado do que chamamos aqui de uma *religiosidade intrínseca*. Padrões ideológicos de qualquer natureza, inclusive as de natureza ateísta, possuem uma carga de religiosidade concretizada por uma estrutura dogmática de justificação, que limita o questionamento sobre a legitimidade de qualquer conduta ao clamor da defesa de um “valor maior”.

3) Esse padrão não foge a nenhum dos modelos apresentados. De fato, apesar das contrastantes crenças entre o modelo burocrático soviético e o modelo burocrático católico, aqui sucintamente apresentados, ambos valem-se desta estrutura *religiosa* de justificação. A última a partir dos

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ÚNICO
MARTIM A. SAMPAIO, JONATHAN H. MARCANTONIO

modelos amparados por uma estrutura divinizante e cano-
nizante de fiéis, apóstolos e outras figuras, como sendo, de
alguma forma, autorizados por uma autoridade metafísica
dogmaticamente legitimadora, e a primeira a partir da
mitificação de seus precursores e líderes, elevando-os, e suas
idéias, ao nível da inquestionabilidade própria de uma
religiosidade dogmática.

Extraído destas três considerações apresentadas, está
uma complexa estrutura sistêmica que mescla padrões formais
e materiais de justificação, adaptáveis ao contexto e aos
interesses daqueles que viabilizam o acesso a essas formas
justificantes. Podemos dizer que toda e qualquer estrutura
estatal encontra-se, em maior ou menor grau, envolto neste
tipo de religiosidade negativa. Encontrar uma forma de
conversão disso para uma real estrutura de utilidade pública,
extraíndo dela este caráter maniqueísta escuso, volta-se como
um desafio para aqueles que possuem como escopo alcançar
padrões público-teleológicos de uma Ordem Estatal e Jurídica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, John Lee. *Che Guevara – uma Biografia*. Objetiva. São Paulo. 1997.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder – dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Unesp. São Paulo. 1996.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Record. Rio de Janeiro, 2005.
- CORNWELL, John. *O papa de Hitler – A história secreta de Pio XII*. Imago. São Paulo, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. *Tempos Interessantes – Uma vida no século XX*. Trad. S. Duarte. Companhia das Letras. 2002.
- SOARES, Jurandir. *Israel e Palestina – As origens do ódio*. UFRGS. Rio Grande do Sul. 2004; NATHAN, Susan. *The other side of Israel*. Living Language. EUA. 2005.
- VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin – Triunfo e tragédia*. Volume 1. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2004.